

Discursos de celebração e estratégias de apagamento enunciativo. Uso e sistema¹

Maria Aldina Marques
mamarques@elach.uminho.pt

*Escola de Letras, Artes e Ciências Humanas da Universidade do Minho
Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho (Portugal)*

ABSTRACT.

The relationship between linguistic system and use is central to the construction of the discourses as communicative practices. This is the theoretical framework from which we propose to analyze how certain grammatical structures are at the service of strategies of enunciative erasure (French effacement énonciatif), as linguistic mechanisms where the voices of discourse are constructed but pretending that they do not exist. It is through the analysis of the structure *Há quem X* that we intend to show this interrelationship between discourse and system anchored in the concept of dialogism. Our objective is, specifically, to analyze the use of this structure as a discursive strategy of enunciative erasure, in a speech celebrating the Centenary of the Portuguese Republic, held in the Portuguese parliament. It stands out in the analysis that *Há quem X* is a complex dialogic structure, which serves a strategy of erasing the enunciative voice of the speaker, but also the erasure of other voices, an enunciative process with implications for discourse organization, namely argumentative and illocutionary dimensions, within the ongoing global process of referencing.

KEYWORDS.

Dialogism; discourse; enunciative erasure; enunciative strategies; linguistic system; use.

RESUMO.

A relação entre sistema e uso, ao serviço da construção da relação comunicativa e dos discursos que permite enquanto práticas comunicativas, é uma relação necessária, dos discursos para o sistema e do sistema para os discursos, num movimento pendular que sustenta a análise. Este é o lugar teórico a partir do qual nos propomos analisar o modo como determinadas estruturas gramaticais estão ao serviço de estratégias de apagamento enunciativo; “lugares gramaticais” onde as vozes do discurso são construídas, mas para se simular que não existem. É pela análise da estrutura *Há quem X* que pretendemos mostrar essa inter-relação entre discurso

¹ Os discursos - ou textos - decorrem de um objetivo comunicativo que integra os parâmetros definidores do género. Como também sabemos, esses mesmos discursos atualizam de forma mais ou menos próxima um ou vários géneros. Se o presente texto se inscreve no género artigo científico, pretende também e em primeiro lugar, na simples materialidade da sua realização, participar de um outro evento discursivo de celebração de um percurso académico, o da Professora Doutora Fátima Oliveira, cujo labor científico nunca nos deixou nem deixa indiferentes. Agradeço, por isso, aos editores da revista a oportunidade de publicamente expressar o meu contentamento pela justa homenagem assim realizada.

e sistema ancorada no conceito de dialogismo. O nosso objetivo é, especificamente, analisar o uso desta estrutura como estratégia discursiva de apagamento enunciativo, num discurso de celebração do Centenário da República Portuguesa, realizado no parlamento. Sobressai na análise que *Há quem X* é uma estrutura dialógica complexa, que serve uma estratégia objetivante de apagamento enunciativo da voz do locutor, mas também de outras vozes, um processo enunciativo com implicações na organização discursiva, nomeadamente nos planos argumentativo e ilocutório, no processo global de referenciação em curso.

PALAVRAS-CHAVE.

Apagamento enunciativo; dialogismo; discurso; estratégias enunciativas; sistema; uso.

Embora eu me decida pela noção de língua como um conjunto de práticas sociocognitivas e discursivas (...), não gostaria de deixar a impressão de que ignoro o sistema.
Marcuschi (2008: 56)

Les lieux grammaticaux – qui relèvent de la sémantique grammaticale, de la morphologie et de la syntaxe – sont en effet nombreux à articuler, de façons fort diverses, la rencontre de deux voix, de deux discours.
Brès & Mellet (2009: 11)

1. Introdução

É no âmbito da reflexão sobre a objetividade e subjetividade dos discursos em interligação com o conceito de dialogismo que ganha lugar e centralidade teórica o conceito de apagamento enunciativo (Charaudeau 1992, Vion 2001, Rabatel 2004, entre outros). É um fenómeno discursivo aparentemente paradoxal, na medida em que, visando apagar o locutor e outras vozes da superfície discursiva, assinala essa ausência através de mecanismos linguísticos diversos (Brès 2001, Rabatel 2004).² O apagamento enunciativo define-se como um artifício, um fingimento compartilhado pelos

2 Brès e Mellet (2009 : 11) sublinham que "...c'est sans doute au niveau grammatical que l'hétérogénéité énonciative apparaît de la manière la plus manifeste et la plus variée. "

interlocutores (Kerbrat-Orecchioni 1980) tendo em conta que o dialogismo é constitutivo dos discursos (Authier-Revuz 1982). Mais ainda, este fenómeno acentua a heterogeneidade do plano enunciativo, construindo um jogo discursivo que revela gradações na presença-ausência do locutor e de outras vozes que este traz para o discurso, desenhando o mapa do fazer discursivo.

No título deste trabalho, relacionámos esta temática com os conceitos de uso e sistema que destacam dimensões de um percurso em Linguística, ou em Ciências da Linguagem, que problematiza a linguagem verbal e as línguas de diferentes modos. Não foi usada a designação habitual de língua e discurso, para enfatizar que o discurso faz parte da língua. O enfoque nestes dois conceitos convoca duas questões centrais, relativas a um posicionamento que ora acentua uma divergência de objetos e metodologias, decorrente de uma rutura epistemológica, ora uma conjugação crítica de saberes. Em qualquer dos casos, trata-se de questionar a relação entre língua e uso, ou o enquadramento numa linguística da frase e numa linguística do texto/discurso.³

O primeiro posicionamento resulta numa recusa de diálogo teórico, porque o texto/discurso não faz parte do objeto da linguística. Defende-se uma linguística do sistema, em rutura com uma abordagem do uso (termo suficientemente abrangente para englobar designações de quadros teóricos como pragmática, análise linguística dos discursos, linguística do texto, sociolinguística, análise conversacional, etc.). Esse uso é visto como heterogéneo, assistemático, empírico, e, portanto, não formalizável.

Um segundo posicionamento põe a tónica na necessidade de repensar a língua enquanto objeto de análise, a partir de uma perspetiva assumidamente interdisciplinar. Sobre esta dualidade de abordagens, Bakhtine (1984) dá-nos uma resposta tranquilizadora, ao afirmar que as formas da língua e os géneros do discurso, formas do uso, pois falamos por géneros, participam em conjunto na nossa experiência e no nosso conhecimento, sem que se rompa a sua correlação estreita. O autor termina sublinhando que os géneros de discurso organizam o uso do mesmo modo que as formas sintáticas.⁴

3 Texto e discurso são dois termos polissémicos, que ora se sobrepõem ora se distinguem, muito por causa da evolução teórica do conceito de contexto e das particularidades das perspetivas teóricas que os integram. Usamos aqui os termos de forma indiferente.

4 "Les formes de langue et les formes types d'énoncés, c'est-à-dire les genres du discours, s'introduisent dans notre expérience et dans notre conscience conjointement et sans que leur corrélation étroite soit rompue. Apprendre

A atenção às publicações que têm surgido na área torna evidente que se procura repensar a relação entre uso e sistema, no modo como se concebe o significado (Wittgenstein 2000/1953), que, se descreve o mundo, o faz necessariamente a partir de um olhar que não lhe é exterior, antes o configura. As escolhas feitas pelo locutor têm em conta as regras do sistema, na relação com as regras e regularidades, nomeadamente de género, que estruturam o discurso. É, pois, pertinente partir de tais usos, dessas regras discursivas para as regras do sistema a fim de as apreender na sua inter-relação necessária. É uma relação global de formas e sentidos. Tem, por isso, particular relevância que o domínio da gramática seja abordado a partir de todas as dimensões interligadas do fazer discursivo. A investigação procura repensar questões gramaticais, que poderemos chamar de tradicionais, na relação com a análise dos discursos, com a construção dos sentidos discursivos. Os marcadores do discurso, por exemplo, são uma categoria discursiva que atesta a importância desta relação, do mesmo modo que o conhecimento sobre a classe das conjunções, e do seu funcionamento na frase, tem beneficiado deste interesse pelo uso, pelos discursos (Lopes 2009). É nesta perspetiva que Brès e Mellet (2009) se propõem trabalhar sobre factos gramaticais problematizados a partir da noção de dialogismo. Contestando a perspetiva de Bakhtine, que limita o dialogismo ao discurso, os autores têm como objetivo mostrar que aquele é parte do sistema e, em consequência, demonstrar a pertinência deste quadro teórico para a descrição gramatical, debatendo o estatuto linguístico dessa mesma noção de dialogismo. São objetivos e metodologias que se enquadram numa *linguística do uso/funcionamento do sistema* (Fonseca 1992). Outros autores falam de pragmática linguística, análise linguística dos discursos, etc., com divergências teóricas, é certo, mas sobretudo com uma ampla partilha de interesses de pesquisa, a língua em uso, na sua materialidade discursiva. Uma materialidade onde a língua se faz. O sistema alimenta-se desta maturação e sedimentação de usos.

Charaudeau vai na mesma linha de articulação entre sistema e uso. Num texto de 2014, o autor considera que uma linguística do discurso não pode

à parler c'est apprendre à structurer des énoncés (parce que nous parlons par énoncés et non par propositions isolées et, encore moins, bien entendu, par mots isolés). *Les genres du discours organisent notre parole de la même façon que l'organisent les formes grammaticales (syntaxiques).* " (Bakhtine 1984: 285)

existir sem uma linguística do sistema. Sendo absolutamente pertinente, é necessário sublinhar que não é uma existência parasita. O que está em causa é uma *reconfiguração do saber* (o termo é de Kuhn 1983). Não se trata de mero processo de extensão de uma perspetiva a outra, pois o objetivo não é replicar os trabalhos da linguística da frase, antes se retomam as descrições realizadas, enquanto permitem explicar funcionamentos textuais e serem também explicadas por eles.

A estrutura do nosso trabalho é a seguinte. Após a introdução, o enquadramento teórico e metodológico é feito em (2.), com foco nos conceitos de dialogismo e apagamento enunciativo, a partir das propostas de Bakhtine, Ducrot e continuadores, e ainda a definição dos objetivos e apresentação dos dados de análise. Em (3.), procede-se à análise de enunciados com a estrutura *Há quem X*, num discurso político parlamentar, realizado por ocasião da celebração do Centenário da República Portuguesa. Procede-se à análise das características desta estrutura, a fim de conjugar as suas propriedades gramaticais com o uso em discurso, primeiramente nas suas características morfossintáticas e semânticas (3.1) e de seguida nas suas características pragmáticas e discursivas (3.2). Esta secção está organizada em duas partes, onde são abordadas (3.2.1) questões dialógicas relativas ao apagamento enunciativo, por desinscrição do locutor, e aparecimento de uma voz doxal potenciados pela estrutura em análise e os sentidos discursivos assim atualizados em contexto. Em (3.2.2) continua-se a mesma linha de análise a fim de considerar as consequências ilocutórias e argumentativas do apagamento enunciativo na estrutura completa *Há quem X*. As conclusões bem como as referências bibliográficas encerram o artigo.

2. Enquadramento teórico e metodológico

A linguística da enunciação, a partir dos contributos de Benveniste (1970), em que sobressai o aparelho formal da enunciação como construção teórica fundamental, e os modos de construção das vozes no discurso, a que a problemática do dialogismo herdado de Bakhtine (1984) dá suporte teórico, constituem a base da presente análise. *A enunciação*, a organização

enunciativa dos discursos, tem ocupado uma área vasta da investigação desde a segunda metade do século XX. A integração destas questões na análise linguística dos discursos valoriza modos de construção da significação não previstos na semântica seja ela lexical ou da frase. Pressupondo que a língua não é transparente, o que se diz é indissociável do modo como se diz. Ora, é precisamente nesta atenção ao modo como se diz que se ancora a relação discurso(s) – sistema, isto é, relações entre estruturas gramaticais (tomadas em aceção larga, em que se inclui o léxico) e funcionamentos textuais ou discursivos. Uma análise dialógica põe em relevo valores dessas estruturas que uma perspetiva exclusivamente gramatical não considera. Dialogismo é um conceito criado por Bakhtine (1984) e que define a orientação constitutiva de todo o discurso para outros discursos. Authier-Revuz (1982) fala a este propósito de heterogeneidade constitutiva, mas também de heterogeneidade mostrada, o dialogismo mostrado (Brès 2001, 2009), presente na superfície discursiva de variadas formas. É para este dialogismo mostrado que os investigadores têm orientado os seus trabalhos. E como sublinham Brès (2009) e Mellet (2009), o dialogismo não é um facto apenas do discurso, um mero efeito da atualização em contexto, antes está inscrito no sistema, como parte dessa trave-mestra da língua que é a enunciação (Fonseca 1992). Aceitar este pressuposto obriga a redimensionar os conceitos de subjetividade e objetividade, como fenómenos textuais gradativos (Kerbrat-Orecchioni 1980). Fala-se, assim, de discursos subjetivantes e discursos objetivantes (Rabatel 2005, 2019). A subjetividade está sempre presente, pois não há discurso sem locutor e manifesta-se, em maior ou menor grau, designadamente na presença do locutor no discurso, mas também na copresença de outras vozes, em diferentes mecanismos linguísticos e discursivos e em função, entre outras dimensões, do género em que o texto/discurso se insere. É importante acentuar a centralidade teórica e metodológica da categoria de género discursivo na perspetivação do dialogismo.

Rabatel (2003, 2005, 2017, 2019) retoma os conceitos de locutor e enunciador de Ducrot (1984) para dar conta da complexidade de relações entre vozes do discurso. Na reanálise proposta por Rabatel (2009: 81), o locutor (L) é sempre enunciador (E), há um sincretismo entre estas duas instâncias, representadas como L/E, e consideradas principais relativamente

aos enunciadores (e) e locutores (l) trazidos por L/E para o discurso, que são secundários. Se todos os locutores são enunciadores, como no discurso relatado (l/e), o enunciador pode não estar agregado a um locutor. O que caracteriza o enunciador é o facto de estar na origem de um ponto de vista (PDV) expresso no enunciado. Deve acentuar-se que Rabatel não restringe estes funcionamentos ao enunciado. No discurso, os PDV coorientados constituem um macro-PDV (Rabatel 2019: 175).⁵ O posicionamento de L/E face às vozes (PDV) que convoca determina a sua responsabilidade enunciativa (Marques 2013).

O apagamento enunciativo é um conceito fundamental para compreender o dialogismo, seja o dialogismo constitutivo, seja o dialogismo mostrado. Os modos de discursivização objetivante têm como consequência fundamental a possibilidade de apagamento enunciativo do locutor da superfície discursiva, através de um processo de desinscrição enunciativa, mas também do apagamento de outras vozes cuja origem se implica (Vion 2001: 334). O apagamento enunciativo permite simular que o texto fala por si. O locutor retira-se simuladamente, pois não pode não estar presente. Philippe (2002: 18), que continua e aprofunda esta linha de investigação, afirma que o apagamento enunciativo é “uma possibilidade criada pela estrutura da língua”. À semelhança do aparelho formal da enunciação, definido por Benveniste, existiria um aparelho formal da desenunciação. Mas, se o apagamento enunciativo é uma estratégia de simulação, então é – ainda – o mesmo aparelho formal da enunciação, que Possenti (*apud* Fiorin 2017) estende à própria definição de língua: “a língua não contém, ela é um aparelho formal da enunciação”. Inscrição e desinscrição ou apagamento das vozes do discurso não são dois processos distintos, mas um único processo gradativo, que pode ocorrer no mesmo discurso.

A relação entre gramática e discursos ao serviço da construção dos sentidos é uma relação necessária, que permite ir dos discursos para o sistema e do sistema para os discursos, num movimento pendular que é a base da análise. Este é o quadro teórico a partir do qual nos propomos analisar as implicações das estruturas formais na construção das vozes

5 Diz Rabatel no excerto em causa: “... tous ces différents PDV co-orientés (et qui intègrent des PDV anti-orientés) peuvent se résumer à un macro-PDV qui subsume tous les auto-PDV et à un macro / méta-énonciateur en synchrétisme avec L1 et qui correspond aux positions essentielles du sujet parlant...” (Rabatel 2019 : 175). Este desenvolvimento teórico pressupõe a hierarquização dos locutores e enunciadores em principal e secundário.

discursivas. Em particular, interessam-nos os modos de construção do apagamento enunciativo, “lugares gramaticais” onde as vozes do discurso se constroem, para estrategicamente se simular que não existem, em ligação com o género discursivo em que ocorrem. É pela análise da estrutura *Há quem X* que pretendemos mostrar a inter-relação entre discurso e sistema, ancorada nesse conceito. O nosso objetivo é, especificamente, analisar o uso desta estrutura como estratégia de apagamento enunciativo, a partir da unidade discursiva em que se integra. É uma abordagem enunciativa com foco na estrutura sintático-semântica do enunciado de que o locutor tira partido para construir argumentadamente os sentidos do seu discurso.

Os géneros de discurso /texto fazem parte de uma rede que constitui um tipo de discurso ou uma área de atividade verbal (Bakhtine 1984). Enquanto modos de dizer historicamente constituídos e situados, os géneros dão instruções discursivas, nomeadamente sobre o posicionamento enunciativo do locutor, sobre as relações a estabelecer com os interlocutores, sobre os modos de convocar outras vozes, os modos de dizer, a que desde Bakhtine se designa como estilo de género. Seleccionámos para análise um discurso, enquadrado pela pertença a um género discursivo, neste caso o discurso político de comemoração de um evento nacional. Não se pretende mostrar que uma determinada estrutura sintática é característica de um género de discurso, mas sim contextualizar a escolha feita pelo locutor, enquanto é a partir de um género de discurso que esta escolha ganha sentido. Trata-se de um discurso proferido pelo deputado do CDS-PP, Adolfo Mesquita Nunes, e publicado no Diário da Assembleia da República (DAR), de 21 de Outubro de 2011 (vide anexo), aquando da comemoração do Centenário da República Portuguesa, realizada na Assembleia da República. Partimos do nível global do discurso para nos centrarmos nos enunciados seguintes com a estrutura *Há quem X*, de que é exemplo “*Há quem realce a proclamação da ética republicana.*” *Há quem X*, a ser analisado enquanto dispositivo dialógico, ocorre 5 vezes no discurso selecionado. É uma estrutura em destaque, que acompanha todo o fazer discursivo.

3. *Há quem X*. Da estrutura gramatical ao funcionamento discursivo

3.1. *Há quem X*. Características morfossintáticas e semânticas

Segundo a análise necessariamente descontextualizada que a gramática permite realizar, *Há quem X* é uma frase complexa não prototípica, constituída por duas orações, a subordinante e a subordinada completiva, encaixada na subordinante. Sobressai o predicado da subordinante, com núcleo verbal preenchido pelo verbo *haver*, que não é, também ele, um verbo prototípico, nem em termos do paradigma morfológico, nem em termos das relações sintáticas que estabelece na frase. Explorando estas relações sintáticas, sobressai o facto de o verbo *haver* não seleccionar nenhum elemento com a função de sujeito sintático. Por esta característica, é categorizado como verbo impessoal. Mas ao contrário de outros verbos impessoais, como *chover* ou *nevar*, selecciona um complemento, com função de objeto direto. As preocupações descritivas e normativas das reflexões sobre o verbo *haver* centram-se nesta particularidade, fonte de erros para muitos falantes nativos, pois os leva a estabelecer uma relação de concordância com o objeto direto, por analogia com o paradigma dos verbos que também seleccionam um único argumento, mas com a função de sujeito. Do mesmo modo que ocorre em português *Chegou o livro*. / *Chegaram os livros*, ocorreria *Havia um livro na mesa*. / *Haviam livros na mesa*.⁶ Como núcleo de uma estrutura impessoal, *haver* tem o significado de existir, daí ser também categorizado como verbo existencial. Como construção existencial, refere a (não) existência de algo contido na unidade linguística com função de complemento, ativando uma pressuposição de verdade.

Por sua vez, a unidade linguística com função de objeto direto do núcleo verbal de predicado com *haver* pode ser um SN (simples ou complexo) ou uma oração completiva. No caso em análise é introduzida pelo pronome indefinido *quem*, com função de sujeito. A aplicação de um teste de substituição coloca em relevo algumas características semânticas do pronome, fundamentais para a construção do processo dialógico. A substituição de *quem* por *gente que* ou *pessoas que*, como no exemplo “*Há*

6 O verbo *haver* como auxiliar de tempos compostos está reservado a registos formais e tem flexão diversa.

quem realce a proclamação da ética republicana. /Há gente que realça ... / Há pessoas que realçam ...”, mostra que o pronome *quem* é invariável e não tem aqui antecedente explícito, sendo recuperável a referência a um grupo indeterminado, com a característica [+humano].

3.2. Funcionamento discursivo de *Há quem X* no discurso de comemoração do Centenário da República Portuguesa

O discurso em análise, realizado na Assembleia da República por um deputado, poderia ser aproximado de um género característico do discurso político parlamentar, o debate, em função do lugar institucional e dos papéis sociais dos participantes, pois ambos fazem parte da esfera política. Têm, contudo, finalidades e papéis comunicativos diferentes. Os primeiros caracterizam-se, quanto à finalidade, por um exercício de vigilância democrática do executivo, mas também, na relação interpessoal instituída, por serem lugar de luta política. Os segundos distinguem-se por uma coorientação dos discursos produzidos, que agregam os participantes na comemoração de um evento realizado, no caso vertente, no parlamento. Se o debate tende a ser agónico, o discurso de comemoração é um discurso epidítico, organiza-se em função de um macroato de louvor. A relação interpessoal não é de confronto, ou pelo menos não é de confronto aberto, já que o estatuto de político e de deputado, comum às duas situações comunicativas, contamina e complexifica a relação interpessoal no discurso em análise.

3.2.1. Valores dialógicos. Apagamento enunciativo e voz doxal nos enunciados *Há quem X*

As escolhas linguísticas do locutor operacionalizam a gestão discursiva que realiza. As características semânticas elencadas para *Há quem X*, de impessoalização e indeterminação, tornam-na um mecanismo fundamental na implementação de uma estratégia discursiva para simular que a linguagem tem uma função puramente descritiva, ou, noutras palavras, é objetiva. Como diz Charaudeau (2004), as estruturas impessoais podem ter

“uma função de *distanciamento* para fins de neutralização da subjetividade do sujeito falante (como nos textos administrativos ou científicos), ou de colocação de *pressupostos de evidência* – de verdade –, como nos textos políticos ou títulos de jornais.

São 5 os enunciados que ocorrem no discurso em análise:

- (1) Há quem *realce* a proclamação da ética republicana.
- (2) Há quem vá *pela afirmação* da democracia.
- (3) Há quem *encontre* a *confirmação* de uma genealogia republicana.
- (4) Há quem *tenha querido* comemorar uma nova era e um novo homem.
- (5) Há quem *evoque* direitos concedidos pelo Estado.

Em termos da organização enunciativa, a impessoalização leva à construção de um locutor genérico, coletivo, identificado com a comunidade. Na terminologia proposta por Berrendonner (2010), é um “on-locuteur”, responsável por um enunciado que é “On-vrai”, ou seja, cuja validade é assegurada por uma voz coletiva, de natureza doxal. Os conteúdos veiculados são apresentados segundo uma perspetiva factual. Pretende-se que os factos falem por si. Em termos pragmático-discursivos, a verdade dos factos impõe-se independentemente de uma subjetividade identificada, seja a do locutor ou outra, e o ato ilocutório realizado em cada enunciado é marcado por uma assertividade forte, verificável por contraste com outras possibilidades de construção do enunciado, que explicitam em graus diversos a origem do PDV, como é o caso de Diz-se que / Dizem que / Fulano diz que / Eu digo que [Há quem *realce* a proclamação da ética republicana], permitindo ao locutor assumir diferentes graus de responsabilidade enunciativa.

Nos enunciados em análise, o locutor (L/E) põe em cena um PDV doxal que desinscreve L/E a favor de uma voz coletiva, universal, que exprime a verdade das coisas e a quem o locutor atribui a responsabilidade enunciativa da asserção. Esta atribuição implica, também, o locutor que se assimila ao PDV expresso, por não contradizer, nem se distanciar da verdade do enunciado. Mais ainda, a repetição da estrutura sintático-semântica em diferentes enunciados permite a construção no discurso de um macro-PDV

de (auto-)autoridade, responsável pela verdade de cada asserção. Acresce que, ao apresentar uma opinião compartilhada pela comunidade, o locutor compromete o alocutário com a verdade do enunciado, sob pena de ao divergir se colocar contra a comunidade. Este comprometimento, indireto, dos participantes com a verdade de cada asserção confere maior força argumentativa ao discurso.

3.2.2. Consequências discursivas do apagamento enunciativo na estrutura completiva de *Há quem X*

O verbo haver, enquanto núcleo do predicado, opera um direcionamento catafórico que focaliza a completiva e lhe confere saliência informativa e argumentativa.⁷ A continuidade discursiva dá conta, como veremos, dessa saliência no encadeamento por contraste com o conteúdo da frase completiva. É sobre ele que se encadeia o discurso. A oração completiva nos cinco enunciados individualiza-se, ainda, por ter como núcleo de predicado estruturas verbais relacionadas com a esfera da elocução que introduzem um discurso relatado, da responsabilidade de um outro locutor (l1/e1):

- (6) Há quem *realce* a proclamação da ética republicana.
- (7) Há quem *vá pela afirmação* da democracia.
- (8) Há quem *encontre a confirmação* de uma genealogia republicana.
- (9) Há quem *tenha querido* comemorar uma nova era e um novo homem.
- (10) Há quem *evoque* direitos concedidos pelo Estado.

São enunciados de resposta a uma pergunta inicial, a fim de construir por contraste o tópico discursivo, ou seja, o sentido das comemorações do Centenário da República:

7 Este valor catafórico aproxima a estrutura da categoria dos apresentativos (ver Rabatel 2001, para o francês e Duarte 2018, para o português). A gramática tradicional não tem lugar específico para os apresentativos. Sobre esta categoria, Rabatel (2001 : 112) cita Charaudeau para quem “la présentation est l’opération linguistique qui correspond à l’intention de déterminer le mode d’existence d’un être (ou d’un processus)”. No mesmo texto (2001: 128), a propósito de Il y a, próxima da estrutura portuguesa em análise, Rabatel considera que “Il y a possède une valeur représentative indéniable, en raison de son rôle dans les prédications dont il est le support...”.

- (11) Que sentido fizeram estas comemorações num momento em que nos confrontamos com a limitação de soberania inerente à crise que atravessamos e à ajuda externa que pedimos?

A par do PDV doxal, que desinscreve L/E a favor de uma voz coletiva, a frase encaixada *quem X* traz uma outra voz, um outro PDV, cuja origem, por força da indeterminação gerada pela escolha do pronome *quem*, é também apagada. Se o locutor assume a responsabilidade da asserção, não o faz ao nível do relato de discurso, no âmbito da frase completiva. A continuidade discursiva torna clara essa divergência de pontos de vista, marcada na repetição da mesma estrutura negativa:

- (12) Há quem realce a proclamação da ética republicana. *Não é o nosso caso.*
(13) Há quem vá pela afirmação da democracia. *Não é esse o nosso caso.*
(14) Há quem encontre a confirmação de uma genealogia republicana. *Não é esse o nosso caso.*
(15) Há quem tenha querido comemorar uma nova era e um novo homem. *Também não é esse o nosso caso.*
(16) Há quem evoque direitos concedidos pelo Estado. *Não é esse o nosso caso.*

O locutor traz para o discurso vozes não identificadas explicitamente, mas inferidas a partir do contexto de ocorrência. A identificação das vozes é regulada contextualmente. Ao nível cotextual, na contra-argumentação levada a cabo, o pronome possessivo *nosso*, que tem como referente o partido do locutor (Marques 2000), dá instrução para identificar essas vozes com as dos adversários políticos. Também o conhecimento compartilhado permitirá ao alocutário assumir a responsabilidade de identificação dessas vozes, ou pelo menos de algumas. No contexto institucional e social em que o discurso ocorre, é a voz dos adversários políticos, que o locutor traz para o seu discurso, a fim de lhes endereçar um ato de crítica. Contudo, sendo um discurso de comemoração, a crítica não é um ato prototípico e por isso é construída como ato de linguagem indireto. O apagamento enunciativo da origem das vozes interfere no modo de referenciação.

Atenua a agressividade do ato realizado, é uma estratégia em concordância com o género *discurso de comemoração*, o qual, tendo a celebração de um evento marcante da História de Portugal como macroato ilocutório a realizar, não prevê uma relação de confronto aberto entre os participantes. Permite que o locutor se comprometa com o seu discurso de outros modos, que possibilitam a realização dos seus objetivos discursivos preservando a relação interpessoal.

4. Considerações finais

Pretendia-se com este trabalho ilustrar a questão inicial de que uso e sistema são perspetivas complementares e necessárias para a análise das línguas. A articulação entre os domínios da linguística do sistema e da linguística dos discursos é necessária à descrição e explicação da construção dos sentidos nos discursos, como práticas sociais, mas também das regras que constituem o sistema linguístico, numa relação determinada pelo género de discurso.

Centrámo-nos na questão da enunciação discursiva, no apagamento enunciativo como forma de dialogismo e, especificamente, como estratégia ao serviço da construção discursiva. Tomando a estrutura frásica *Há quem X* como exemplo, foi possível realçar a inter-relação dos contributos teóricos da gramática e da análise dos textos/discursos, na reconfiguração do saber linguístico. Pudemos concluir que *Há quem X* é uma marca de dialogismo, que serve uma estratégia objetivante de apagamento enunciativo com implicações nas diferentes dimensões discursivas, inter-relacionadas, nomeadamente a argumentativa e a ilocutória, e, portanto, no processo global de referência em curso. Nos enunciados analisados, o apagamento enunciativo ocorre ao nível do enunciado, mas também intraenunciado, na estrutura completiva *quem X*. No primeiro caso, o apagamento enunciativo de L/E não cria um vazio, antes dá lugar ao surgimento de outra voz, genérica, doxal, que produz um efeito de evidência de verdade dos factos. No segundo caso, a origem da voz é estrategicamente apagada da superfície discursiva, em concordância com o género discursivo de celebração. Outros parâmetros situacionais e cotextuais permitem ao alocutário fazer

o exercício de inferência que o leva à identificação das vozes. A retoma da estrutura e os diferentes cotextos de ocorrência de cada enunciado reforçam a importância estratégica do PDV, como macro-PDV. Assim, o jogo de vozes a que esta estrutura dá lugar tem implicação quer na imagem de autoridade do locutor quer na responsabilidade enunciativa que assume e faz assumir. Por outro lado, e no seguimento de outras análises, mostra-se que o dialogismo é uma categoria discursiva que penetra no sistema, que invade o sistema. Prescindir desta dimensão é privar o sistema de uma vertente fundamental que o constitui.

REFERÊNCIAS

- Authier-Revuz, J. (1982). Hétérogénéité montrée et hétérogénéité énonciative: éléments pour une approche de l'autre dans le discours. *DRLAV. Documentation et Recherche en Linguistique Allemande Vincennes*, 26(1), 91-151.
- Bakhtine, M. (1984). *Esthétique de la Création Verbale*. Gallimard.
- Benveniste, E. (1970). L'appareil formel de l'énonciation. *Langages*, (17), 12-18.
- Berrendonner, A. (2010). Autour d'une définition linguistique des notions de voix collective et de on-locuteur. In M. Colas-Blaise, M. Kara, L. Perrin & A. Petitjean (eds), *La question polyphonique ou dialogique en sciences du langage* (pp. 39-64). Université Paul Verlaine-Metz.
- Brès, J. (2001). Analyse du Discours et Dialogisme. *Diacrítica*, 16, 249-263.
- Brès, J. (2009). Dialogisme et temps verbaux de l'indicatif. *Langue Française*, (3), 21-39.
- Brès, J., & Mellet, S. (2009). Une approche dialogique des faits grammaticaux. *Langue Française*, (3), 3-20.
- Charaudeau, P. (1992). *Grammaire du sens et de l'expression*. Hachette.
- Charaudeau, P. (2004). Visadas discursivas, gêneros situacionais e construção textual. In I. L. Machado, & R. Mello (Eds.), *Gêneros - reflexões em análise do discurso* (pp. 13-41). Núcleo de Análise do Discurso / Faculdade de Letras - Universidade Federal de Minas Gerais.
- Charaudeau, P. (2014). Da linguística da língua à linguística do discurso, e retorno. *Revista Desenredo*, 10(2), 227-236. <http://seer.upf.br/index.php/rd/article/view/4155>
- Duarte, I. M. (2018). Marquers présentatifs dans des interactions informelles en Portugais Européen. *Studia Universitatis Babes-Bolyai Philologia*, 63(2), 269-284.

- Ducrot, O. (1984). *Le dire et le dit*. Éditions de Minuit.
- Fiorin, J. L. (2017). Uma teoria da enunciação: Benveniste e Greimas. *Gragoatá*, 22(44), 970-985. <file:///C:/Users/Utilizador/Downloads/33544-Texto%20do%20Artigo-111795-1-10-20180228.pdf>
- Fonseca, J. (1992). *Linguística e Texto/Discurso - Teoria, Descrição, Aplicação*. Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.
- Kerbrat-Orecchioni, C. (1980). *L'énonciation. De la subjectivité dans le langage*. Armand Colin.
- Kuhn, T. (1983). *La structure des revolutions scientifiques*. Flammarion.
- Lopes, A. C. M. (2009). Justification: a coherence relation. *Pragmatics*, 19(2), 223-239. <http://hdl.handle.net/10316/47870>
- Marques, M. A. (2000). *Funcionamento do Discurso Político Parlamentar – a organização enunciativa no Debate da Interpelação ao Governo*. Universidade do Minho. Instituto de Letras e Ciências Humanas (ILCH).
- Marques, M. A. (2013). Construir a responsabilidade enunciativa no discurso jornalístico. *REDIS: Revista de Estudos do Discurso*, 2, 139-165. <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/12760.pdf>
- Marcuschi, L. A. (2008). *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. Parábola.
- Mellet, S. (2009). Dialogisme, parcours et altérité notionnelle : pour une intégration en langue du dialogisme?. *Langue française*, (3), 157-173.
- Philippe, G. (2002). L'appareil formel de l'effacement énonciatif et la pragmatique des textes sans locuteur. In R. Amossy (Ed.), *Pragmatique et analyse des textes* (pp. 17-34). Presses de l'université de Tel-Aviv.
- Rabatel, A. (2001). Valeurs énonciative et représentative des 'présentatifs' C'EST, IL Y A, VOICI/VOILA: effet point de vue et argumentativité indirecte du récit. *Revue de sémantique et pragmatique*, (9-10), 43-74.
- Rabatel, A. (2003). Le point de vue, entre langue et discours, description et interprétation : état de l'art et perspectives. *Cahiers de praxématique*, (41), 7-24.
- Rabatel, A. (2004). Stratégies d'effacement énonciatif et posture de surénonciation dans le Dictionnaire philosophique de Comte-Sponville. *Langages*, (4), 18-33.
- Rabatel, A. (2005). La part de l'énonciateur dans la construction interactionnelle des points de vue. *Marges Linguistiques*, (9), 115-136.
- Rabatel, A. (2009). A brief introduction to an enunciative approach to point of view. In P. Hühn, W. Schmid, & J. Schönerth (Eds.), *Point of view, perspective and focalization* (pp. 79-98). De Gruyter.

- Rabatel, A. (2017). *Pour une lecture linguistique et critique des médias. Empathie, éthique, point(s) de vue*. Lambert-Lucas.
- Rabatel, A. (2019). Énonciateurs Premiers, Seconds, Points de Vue, Modalité et Intentionnalité aux Défis de l'Interprétation. *Recherches en Langue et Littérature Françaises*, 13(23), 165-188. <http://france.tabrizu.ac.ir/>
- Vion, R. (2001). Effacement énonciatif et stratégies discursives. In A. Joly, & M. de Mattia (Eds.), *De la syntaxe à la narratologie énonciative. Textes recueillis en hommage à René Rivara* (pp. 331-354). Ophrys.
- Wittgenstein, L. (2000). *Investigações filosóficas* (J. C. Bruni, Trad.). Ed. Nova Cultural (Original publicado em 1953).

Anexos

O Sr. Adolfo Mesquita Nunes (CDS-PP): — Sr.^a Presidente da Assembleia da República, Srs. Membros do Governo, Srs. Deputados, Ilustres Convidados: Encerramos hoje as comemorações do Centenário da República. O tempo é, por isso, de balanço.

Que sentido fizeram estas comemorações num momento em que nos confrontamos com a limitação de soberania inerente à crise que atravessamos e à ajuda externa que pedimos?

Há quem realce a proclamação da ética republicana. Não é o nosso caso. A ética não vive nas formas de governo. A ética nasce e morre com o indivíduo. Um homem é bom porque é bom. Não porque é republicano. Não porque se entenece com a Revolução Francesa e desdenha da inglesa.

Aplausos do CDS-PP e do PSD.

Há quem vá pela afirmação da democracia. Não é esse o nosso caso. A democracia não esteve a salvo na ditadura da I República nem na autocracia do Estado Novo. Não.

Protestos do PCP.

A democracia só está a salvo enquanto instrumento ao serviço da liberdade e não enquanto legitimação formal de decisões estaduais.

Há quem encontre a confirmação de uma genealogia republicana. Não é esse o nosso caso. A República é nossa, mesmo nossa. Não há donos do

regime nem há vassalagem a quem se julga seu descendente.

Vozes do CDS-PP e do PSD: — Muito bem!

O Sr. Adolfo Mesquita Nunes (CDS-PP): — **Há quem tenha querido comemorar uma nova era e um novo homem.** Também não é esse o nosso caso. Desconfiamos de quem quer refundar a identidade nacional e de quem confia ao Estado o papel de fazer surgir um homem novo. Não. A República qualifica a forma de governo; é a liberdade que nos qualifica como cidadãos e nos coloca centralmente face ao poder político.

Aplausos do CDS-PP.

Há quem evoque direitos concedidos pelo Estado. Não é esse o nosso caso. A cidadania funda-se na liberdade. E esta, Srs. Deputados, não depende da forma de governo. A liberdade existe em cada um de nós, e é por isso que a primeira função do Estado não é reconhecê-la, é limitar-se em função dela. Qual foi, então, o sentido destas celebrações? Srs. Deputados, faço parte de uma geração que não questiona a República.

O Sr. Jerónimo de Sousa (PCP): — Você é um velho!

O Sr. Adolfo Mesquita Nunes (CDS-PP): — Eu, aqui, perante vós, republicano convicto me confesso! E nessa convicção não hesito em afirmar que a minha geração dispensa tutelas e certificados de correcção republicana como aqueles que estão a tentar passar-nos aqui hoje.

Vozes do CDS-PP: — Muito bem!

O Sr. Adolfo Mesquita Nunes (CDS-PP): — Por isso, Srs. Deputados, estas celebrações permitiram recordar esta verdade essencial: é nos indivíduos, na sua liberdade, na sua iniciativa e no seu esforço que reside o sentido deste País em que vivemos. É nos portugueses que reside a força essencial para recuperar integralmente a soberania de Portugal.

Aplausos do CDS-PP e do PSD.

(DAR, 21 de Outubro de 2011)